

## FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO NO COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ADOLESCENTE

Aline da Costa Rossetti<sup>1</sup>; Leila Bettim de Souza<sup>1</sup>; Micaella Lorrane Gonçalves Rocha<sup>1</sup>; Kirlla Cristhine Almeida Dornelas<sup>2</sup>

1. Acadêmicas de Psicologia na Faculdade Brasileira – Multivix-Vitória.

2. Doutora em Psicologia e Coordenadora de Psicologia da Faculdade Brasileira – Multivix-Vitória.

### RESUMO

Para compreender a relação dos fatores de risco e proteção no comportamento Autolesivo em adolescentes, iremos aqui fundamentar-se na concepção junguiana, que se baseia no pressuposto de que a mente, ou psique, possui um nível consciente e um inconsciente que podem influenciar e, de fato, realmente influenciam as vidas de todos concebendo a construção do ser como produto da inter-relação das estruturas do consciente e do inconsciente que, providas de seus arquétipos, edificam a totalidade psíquica do indivíduo. O objetivo deste artigo é apresentar e apurar a influência desses fatores de risco e proteção para o adolescente com comportamento autolesivo. Como metodologia de pesquisa, utilizou-se a investigação bibliográfica e o método de abordagem exploratória para coletar dados capazes de elucidar o fenômeno investigado. Foram realizadas pesquisas em artigos científicos utilizando os descritores autolesão, psicologia e adolescência, pode ser analisado o total de 12 artigos. Foi possível concluir, a importância de um ambiente equilibrado para essa fase da adolescência que requer uma atenção especial. Constatou-se que a Autolesão é um tema complexo, que ainda possui uma demanda de pesquisas recentes na área da psicologia.

**Palavras-chave:** Adolescente; Autolesão; Fatores de risco e proteção; Arquétipos.

### ABSTRACT

To understand the relationship between risk and protective factors in Self-injurious behavior in adolescents, we will here be based on the Jungian conception, which is based on the assumption that the mind, or psyche, has a conscious and an unconscious level that can influence and, in fact, they really influence everyone's lives, conceiving the construction of being as a product of the interrelation of the structures of the conscious and the unconscious that, provided with their archetypes, build the individual's psychic totality. The purpose of this article is to present and ascertain the influence of these risk and protection factors for adolescents with self-injurious behavior. As a research methodology, bibliographic investigation and the exploratory approach method were used to collect data capable of elucidating the investigated phenomenon. Researches were carried out on scientific articles using the descriptors self-injury, psychology and adolescence, a total of 12 articles can be analyzed. It was possible to conclude, the importance of a balanced environment for this phase of adolescence that requires special attention. It was found that Self-Injury is a complex topic, which still has a demand for recent research in the field of psychology.

**Keywords:** Teen. Self-injury; Risk and protective factors; Archetypes.

## 1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período crucial para o desenvolvimento e manutenção de hábitos sociais e emocionais essenciais para um bem-estar mental. Quando acontece significativas mudanças físicas e competência cognitiva, social, autonomia e autoestima. Nessa fase o adolescente passa a pensar em termos abstratos, assim havendo implicações emocionais, porque agora ele distingue entre o real e o possível uma vez que o seu cérebro agora responde de forma rápida e profunda as rejeições sociais, podendo seguir impulsos que trarão aprovação ou não do meio que ele está inserido (BERGER, 2017).

Esse é o momento em que o adolescente busca por uma identidade pessoal e isso implica em ter suas características definidas e ajustadas, porém encontrar esse equilíbrio torna-se angustiante sendo nesse período que surgem as maiores dificuldades. Pois, o adolescente tenta encontrar o equilíbrio no modo de viver entre a infância e a vida adulta. Além de buscar a conquista da autonomia e diferenciação, ou identidade pessoal, a individuação tem como característica a fronteira entre o adolescente e os pais, com isso os conflitos familiares podem aparecer facilmente (ERIKSON, 1976).

Almeida (2015) afirma que a adolescência nas últimas décadas tem se tornado mais duradora nas sociedades ocidentais. Pois, há contribuição das melhores condições nutricionais, além de outros fatores, e por isso a puberdade tem começado mais cedo e assim durando mais tempo o período da adolescência. Outros fatores que contribuem dão-se pela complexidade da vida moderna, surgindo maiores exigências de formação profissional, o tempo de dependência dos pais tem aumentado, estendendo o fim dessa fase.

Devido a essa dependência dos pais, vale ressaltar a respeito da família contemporânea que apresenta desafios para seus membros, como: quebrar barreiras de isolamento do adolescente, conseguir lidar com as mudanças de humor, característica dessa fase da vida. Destaca que as relações familiares foram transformadas, vive-se um período em que o diálogo, o afeto é valorizado, diferentemente das famílias hierárquica, onde deveriam ser acatadas as ordens dos

pais sem chance para argumentos. Não há mais espaço para o sistema autoritário adotado na família dos tempos passados (BARRETO; RABELO, 2015).

Apesar do relacionamento entre adolescentes e pais ser algo primordial, nem sempre significa ser tranquilo ou pacífico, pois nessa fase busca-se por independência, devido aos impulsos biológicos e psicológicos, surgindo assim o conflito, pois os pais desejam continuar mantendo o controle. Cada geração julga mal a outra, os pais acreditam que seus filhos têm ressentimentos maiores por eles, mais do que realmente os têm, e os adolescentes pensam que o desejo dos pais em dominá-los é maior do que de fato é. Importante que cada geração entenda melhor a outra, as preocupações precisam ser expostas (BERGER, 2017).

Apesar de o adolescente ter a família em sua volta, ele dá muita importância para a amizade nesse período da vida. Para Oliveira (2015) os amigos são enxergados pelo adolescente como um espaço intermediário entre a família e a sociedade, onde se encontra muita intimidade e coesão, sentimento de apoio, trocas de pensamentos e experiências, segurança. Portanto, nessa amizade se encaram como parecidos e que estão enfrentando as mesmas mudanças, dessa forma sendo mais tranquilo demonstrar e falar suas incertezas, fantasias e desejos com a confiança que serão compreendidos e aceitos.

Freitas, Santos e Ribeiro (2018) reafirmam essa colocação de Oliveira (2015), pois acrescentam que o relacionamento entre os amigos é de natureza simétrica e horizontal, diferente de outras relações com os pais, por exemplo, nessa a natureza é vertical, ou seja, a figura dos pais é superior ao do adolescente, a hierarquia prevalece entre filhos e pais. Pois, a relação entre adolescente e os pais naturalmente demonstra o poder dos pais sobre os filhos, normalmente isso não ocorre entre os amigos.

A amizade entre adolescentes tem como motivação inicial o afeto recíproco, esperam a confiança mútua e terem apoio entre eles, há diversão ou dividem sentimentos de intimidade e proximidade. Além de refletir na socialização, a interação que existe entre os adolescentes é diferente da que tem com seus outros relacionamentos, como exemplo, com seus pais, professores, parentes, pois há característica de mais afeto positivo, cooperação e diálogo, ou por terem na resolução de discordância a estratégia

mais construtivas (FREITAS; SANTOS; RIBEIRO, 2018).

Nessa fase da vida essa relação amigável contribui para auxiliar na vivência das mudanças físicas da puberdade e desafios intelectuais da escola. Essa convivência é importante em todas as idades, no entanto, no início da adolescência cobiça-se mais a popularidade entre os amigos. O adolescente que tem relacionamento positivo com os pais, ou seja, comunicação e suporte contínuo, reflete na relação com os amigos, tornando mais construtiva. Mas, caso não haja essa interação com os pais, pode ocorrer influência maior dos amigos na vida do adolescente (BERGER, 2017).

O adolescente que não está inserido em uma turma terá maior dificuldade em enfrentar suas crises vitais e assim encontrando o sofrimento por não ter com quem compartilhar suas dúvidas, fantasias, angústias e desejos. Pois, as vestimentas, gírias, entre outros, funcionam no grupo como uma defesa contra a angústia. A identidade do adolescente é enriquecida por meio de outros relacionamentos, dessa forma, permitindo o crescimento, sociabilidade e integração (OLIVEIRA, 2015; ERIKSON, 1976).

Ao longo do desenvolvimento as amizades na adolescência contribuem como um suporte para esse indivíduo, a companhia, o afeto, a segurança emocional, a competência social, a diversão e a autoestima. Portanto, na adolescência as amizades têm uma importância particular. A prioridade passa a não ser mais a aceitação em um grupo, e sim de uma intimidade interpessoal, ou seja, empatia, amor, proximidade e segurança, sendo satisfeito por amigos do mesmo sexo (FREITAS; SANTOS; RIBEIRO, 2018).

Apesar dos aspectos positivos e de grande importância da amizade entre adolescentes, observa-se que tem acontecido comportamentos prejudiciais. Explicando o comportamento autolesivo (CAL), Silva e Siqueira (2017) aponta que nos últimos anos tem encontrado prevalência maior em adolescentes e jovens adultos. O CAL expõe característica de muita dor emocional, procura o alívio de forma imediata de determinada situação com sentimentos negativos, essa maneira é considerada pelo indivíduo como uma solução de lidar com a sua dor, acontecendo em ambiente privado devido a vergonha.

Para Botega (2015) o comportamento autolesivo (CAL) é da classe dos comportamentos suicidas, mas, no entanto, não há a intenção de completar o suicídio, em geral, o propósito é reduzir emoções negativas, como tensão, ansiedade e autocensura, os adolescentes não obtêm maturidade emocional plena, assim são facilmente conduzidos à impulsividade e ao imediatismo. Lidar com estresses agudos, como exemplo, situações que causam rejeição ou humilhação, término de relacionamento, dentre outras situações, essas dificuldades tornam barreiras para que o adolescente possa enfrentá-los.

Conforme encontra-se no DSM-5 (2014), para caracterizar o CAL, é necessário que o indivíduo tenha se autolesionado por pelo menos cinco vezes ao longo de um ano, assim com o objetivo de alívio de um estado emocional, ou mesmo para alcançar um humor positivo. Este comportamento não poderá ser emitido quando o indivíduo estiver em estado de delirium, confusão mental ou mesmo ser portador de transtornos. Entende-se também que o CAL pode ser de caráter autopunitivo, seja por ter realizado um ato de sofrimento para si ou para outros.

Importante explicar a divisão da classificação da autolesão de acordo com a intensidade. A grave se refere à automutilação, chega ao extremo, como exemplo, a castração ou mutilação de partes do corpo. A que prevalece em crise psicótica é a intoxicação aguda ou transição de gênero. Já a autolesão estereotipada apresenta de forma constante, de forma ritualística, executar mordida dos lábios, bochecha ou língua, autoagressão. A autolesão compulsiva é repetitiva, por exemplo, coçar a pele de um jeito brusco ocasionando ferimentos. A autolesão impulsiva se refere ao corte da pele ou se queimar (SILVA; SOUZA; DE FARIA, 2019).

Silva e Siqueira (2017) alertam que o ambiente em que o adolescente está inserido pode desenvolver o CAL como também pode auxiliar em sua identificação. A escola pode ser considerada uma forte aliada, pois o adolescente tem boa parte do seu tempo preenchido nela, assim podendo ocorrer manifestação de sinais que possam evidenciar o CAL. Os autores reafirmam o que antes foi mencionado, quando o adolescente tem o comportamento autolesivo tem como objetivo diminuir uma dor emocional profunda, causando danos a seu próprio corpo.

Esse comportamento passa ser uma alternativa de fuga em relação a um sofrimento psíquico em que o indivíduo transfere a dor emocional para a dor física, podendo esquecer do problema de forma temporária. Tal sentimento pode ser observado no ambiente escolar, quando há um declínio na motivação e desempenho acadêmico que frequentemente começa com a transição da intimidade e familiaridade do ensino fundamental para o ensino médio, onde se encontra uma maior pressão (SILVA; SIQUEIRA, 2017; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Silva e Botti (2017) apresenta importantes dados quanto ao problema do CAL: ocorre em diferentes idades, além de ser mais observado em adolescente do sexo feminino não sendo exclusivo desse sexo. Esse comportamento inicia no geral entre as idades de 13 e 14 anos, podendo durar por 10 ou 15 anos ou mais. De acordo com estudo de Hawton et al. (2002, apud SILVA; BOTTI, 2017) o CAL prevalece nessas idades entre adolescentes ingleses 6,9%, entre os japoneses 35,8% do sexo masculino e presidiários, e entre os adolescentes americanos 45%.

Já no estudo apresentado por Matsumoto et al. (2005) citado por Silva e Botti (2017), os adolescentes de 12 a 16 anos canadenses encontra-se 13,9%, e nessa mesma faixa etária entre os adolescentes americanos chega de 13% a 39%. Quanto ao Brasil, o estudo para apontar a respeito do CAL ainda é introdutório, não havendo muitas pesquisas relacionadas a esse tema, assim dificultando o debate que é muito importante para melhores esclarecimentos.

Devido ao CAL na adolescência, importante abordar a respeito dos fatores de proteção, quando há uma relação intrafamiliar e extrafamiliar agradável, ter propósito na própria vida, ser capaz de procurar e receber auxílio quando haver problemas, fazer parte de tradições culturais e adquirir valores, configuram fatores protetivos, e os profissionais da saúde devem considerar esses fatores possibilitando o acesso às intervenções necessárias. São fatores de proteção: praticar esportes, atividade física, momentos de lazer, ter dieta saudável, qualidade de sono, fazer parte de uma religião, ter relações satisfatórias com amigos, professores, colegas e outros adultos (MEINE *et al.*, 2019).

Dessa forma Berger (2017) destaca que a religião que os adolescentes seguem geralmente são as mesmas que a dos seus pais e comunidade. Quando se tem um bom relacionamento com os pais, são poucos que rejeitam totalmente a religiosidade caso cresçam seguindo uma fé particular. Enquanto a atividade física, Papalia e Feldman (2013) argumentam que o sedentarismo afeta a saúde física e a mental do adolescente, por isso é importante praticar exercícios físicos, pois contribuem para o aumento da autoestima, diminuição do estresse e ansiedade, além de contribuir nas notas escolares, no bem-estar de forma geral, dentre outros benefícios.

A respeito da qualidade de sono, caso isso não ocorra, contribui para o surgimento da irritabilidade, a motivação diminui, afeta o desempenho escolar, ou seja, as notas escolares não serão satisfatórias. Com relação à alimentação, essa contribui para o crescimento rápido da adolescência, além de ajudar para que no futuro tenha hábitos alimentares saudáveis quando adultos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A família tem um papel importante quanto ao funcionamento da saúde física e mental do adolescente, dessa forma produzindo fatores protetores capaz de prevenir a sintomatologia depressiva. Os aspectos psicológicos relacionam com o suporte familiar, onde são realizadas a demonstração de carinho, diálogo, atenção, liberdade, proximidade afetiva, proteção e independência entre os membros familiar. Destaca-se que na adolescência as relações familiares são importantes para a formação de novas relações maduras na vida dos indivíduos (AMARAL *et al.*, 2017).

Apesar de haver a família e outros fatores de proteção que auxiliam no combate ao CAL e outros problemas psicológicos, a Organização Mundial da Saúde e a Organização Pan-Americana da Saúde destacam que em todo o mundo, estima-se que 10% a 20% dos adolescentes vivenciem problemas de saúde mental tais como: transtorno de ansiedade, psicose, autolesão, e outros. Sendo o CAL um problema mundial, com o potencial de causar danos físicos, psicológicos e psicossociais, faz-se necessário medidas de compreensão e intervenção para que possa ser identificado aqueles que possam a vim cometer tal ato (MACÊDO, 2018).

Rossi *et al.* (2019) afirmam que no Brasil a respeito de ações de cuidado para saúde mental das crianças e adolescentes, o país é omissivo. Apesar de ter havido

crescimento nos estudos quanto à saúde mental infanto-juvenil após a instituição do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e dos Centros de Atenção Psicossociais Infanto-juvenis (CAPSi), eles ainda são introdutórios destacando principalmente a população adolescente.

Este estudo baseia-se na teoria Junguiana, portanto, vale fazer uma breve apresentação a respeito de Carl Gustav Jung. Nascido na Suíça em 1875 e faleceu em Zurique em 1961, aos 86 anos, formação em Psiquiatria e Psicologia, de forma holística tentava compreender o homem, conquistou o título de Pai da Psicologia Analítica. Jung compartilhou e trocou informações pessoais e casos clínicos com Freud, teve influência da Psicanálise. Mas, baseava-se na interpretação de símbolos vindo do inconsciente, seu método de estudo era longe da metafísica (SOUZA, 2013). Segundo Feist et al. (2015) a Psicologia Analítica (Junguiana) apresenta como hipótese fenômenos inconscientes com a capacidade de influenciar a vida das pessoas. Jung admitia que cada pessoa não é só motivada por experiências retraídas, mas inclusive por determinadas experiências emocionais adquiridas dos ancestrais do indivíduo. Segundo Souza (2013) Jung por meio de sua forte intuição e empirismo em seu método, conduziu e observou casos clínicos com início da interpretação da produção imaginária espontânea, os sonhos, expressões artísticas, fantasias, sendo esses considerados via de acesso o inconsciente humano, esse é composto de símbolos, arquétipos, mitos, dentre outras.

Por retratar acontecimentos ordinários e instintivos em uma espécie de tipos o arquétipo pode ser entendido como uma probabilidade psíquica. É uma aptidão inata para geração de fantasias paralelas, de idênticas estruturas, universais, da psique. Mesmo tendo o caráter universal, o arquétipo tem manifestações individuais, condiz com percepções próprias que são trazidas por cada indivíduo desde o nascimento (BONFATTI *et al.*, 2018).

De acordo com a teoria de Jung o arquétipo é uma estrutura da psique que é comum a todos, ele rege o modo de pensar e agir do indivíduo e reaparece espontaneamente em qualquer momento e lugar, não havendo influência de transmissão externa, é determinado quanto à forma apenas e não em relação ao conteúdo. Refere-se a uma base universal que é preenchida por experiências individuais de acordo com a história



e cultura onde se vive (FREITAS; SCARABEL; DUQUE, 2013).

Segundo Feist *et al.* (2015) arquétipos referem-se a imagens antigas ou obsoletas que são originadas do inconsciente coletivo. São parecidos com os complexos, pois é um conjunto de imagens agregadas repletas de emoções. Porém, ressalta que os complexos no inconsciente pessoal são componentes individualizados, e os arquétipos decorrem das ideias do inconsciente coletivo e são generalizados, além de serem diferentes dos instintos. De acordo com a teoria de Jung, o instinto trata-se de um impulso físico inconsciente apontado para a ação, já o arquétipo como complemento psíquico de um instinto.

Vale ressaltar alguns arquétipos abordado na teoria Junguiana, conforme Cruz (2013) o arquétipo Anima e Animus trata-se respectivamente do lado feminino da psique masculina, e lado masculino da psique feminina. De acordo com esses arquétipos, há aspectos masculinos e femininos em todas as pessoas. Hall *et al.* (2000) afirmam que esses arquétipos colaboram para que cada sexo demonstre características do sexo oposto, o homem entende a natureza feminina por meio de sua Anima, enquanto a mulher compreende a natureza masculina por meio de seu Animus.

O arquétipo da Grande Mãe pode ser visto como dois polos diferentes, um é o lado bom que envolve as funções positivas, o outro compreende como negativo, demonstra a negligência, abandono e ainda a proteção em exagero que domina e afeta a individualidade do outro. Por um lado, esse arquétipo nutre e dá vida, e por outro ele priva e devora, pois impede que seu filho evolua ou cresça. (FREITAS; SCARABEL; DUQUE, 2013; BERTUCCI, 1998).

O arquétipo Self (Si mesmo) refere-se à totalidade de todos os arquétipos. Esse trata-se do arquétipo central e organizador do aparelho psíquico, tem a função de englobar o inconsciente coletivo, todos os arquétipos e complexos. Da personalidade é considerado o mais importante e difícil de entender, ele une o consciente e o inconsciente incorporando a harmonia e equilíbrio de diversos elementos opostos da psique (DUARTE, 2018, FADIMAN; FRAGER, 2008).

A Persona é o arquétipo da adaptação, a personalidade de um indivíduo modifica de

diversas maneiras, assim possibilitando uma vida coerente aos modos sociais. Portanto, esse arquétipo é fundamental para a sobrevivência em sociedade. Conforme aborda a teoria Junguiana cada pessoa precisa apresentar um papel particular, seguindo o que é proposto pela sociedade como comportamento mais adequado para algumas situações sociais (DUARTE, 2018, FEIST et al., 2015).

Segundo Silva (2019) o arquétipo Sombra é intensamente marcado pelo afeto, além de conteúdos obsessivos, possessivos, autônomos. Alarmam e dominam o ego estruturado e todos esses conteúdos são capazes de entrar na consciência. O que é inaceitável na personalidade, emoções difíceis, por meio do mecanismo da projeção, acabam sendo personificadas em uma pessoa ou objeto externo do sujeito. Dessa forma, o encontro com a Sombra geralmente ocorre por meio da projeção, pois ela que armazena o inaceitável para a consciência, está propícia a projeção.

O arquétipo da Sombra baseia-se nos instintos animais herdados pelos humanos durante a evolução a partir de formas inferiores de vida. Assim, afirma-se que a sombra traduz o lado animal da natureza humana, e é responsável pela compreensão do pecado primário, no momento em que esse arquétipo é lançado para o externo, ela se torna um inimigo. Na consciência é responsável pelo surgimento de pensamentos, sentimentos e ações não agradáveis que são deploráveis socialmente (HALL *et al.*, 2000).

Desse modo, esse artigo tem por objetivo apresentar e relacionar os fatores de risco e proteção para adolescentes com comportamento autolesivo sob a perspectiva da Psicologia Analítica.

## **2 METODOLOGIA**

Em caráter metodológico esta pesquisa é bibliográfica exploratória qualitativa. De acordo com Gil (2010) a pesquisa bibliográfica promove a fundamentação teórica ao trabalho e identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema. A pesquisa exploratória possibilita a exploração do tema com a finalidade de familiarizar com o problema da pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica e exploratória demonstrou-se necessária devido à função de prover fundamentação teórica ao

trabalho e identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema.

A metodologia utilizada para adquirir os dados do tema escolhido desta pesquisa, foram realizadas pesquisas em artigos científicos utilizados os descritores “autolesão”, “psicologia” e “adolescência” nos bancos de dados do Google Acadêmico que gerou 900 artigos, após uma leitura flutuante dos títulos e resumos encontraram-se 12 artigos. Dessa forma, foi utilizado como critério de inclusão os textos que apresentam de forma ampla contribuições para a compreensão dos conceitos propostos, além de serem publicados entre os anos de 2010 e 2020.

A partir da proposta de análise de conteúdo de Franco (2005) foi realizada uma leitura exaustiva do material para organizá-lo conforme os arquétipos que atuam potencializando os fatores protetivos e de risco ao comportamento autolesivo.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa abordou a respeito do CAL, explicou como os adolescentes são afetados por esse comportamento. Assim, faz-se uma discussão a respeito dos fatores de proteção, de risco e os arquétipos, além de destacar quais autores abordaram esses assuntos. Para melhor didática as tabelas 1, 2 e 3 demonstram os textos abordados em cada assunto.

**TABELA 1 – FATORES DE PROTEÇÃO**

<b>Fatores de Proteção</b>	<b>Autor</b>	<b>Texto</b>
Família	Barreto; Rabelo (2015)	01
	Meine et al. (2019)	02
	Amaral et al. (2017)	03
Amizade	Freitas; Santos; Ribeiro (2018)	04
	Oliveira (2015)	05

	Meine et al. (2019)	02
Tradições culturais	Meine et al. (2019)	02
Adquirir valores	Meine et al. (2019)	02
Praticar esportes	Meine et al. (2019)	02
Atividade física	Meine et al. (2019)	02
Momentos de lazer	Meine et al. (2019)	02
Dieta saudável	Meine et al. (2019)	02
Qualidade de sono	Meine et al. (2019)	02
Fazer parte de uma religião	Meine et al. (2019)	02

**Fonte:** Produzida pelas autoras

Como pode ser observado na tabela 1, o fator de proteção mais citado foi o que se refere à família, está presente em três artigos, aparece nos textos 01, 02 e 03. Barreto e Rabelo (2015) chama atenção para a família contemporânea, afirmam que houve mudanças nas relações entre seus membros, pois há mais interação e antigamente isso não ocorrida nas famílias. Atualmente não é tão comum aquele tipo de família hierárquica, onde a figura dos pais era autoritária sem ouvir seus filhos para que decisões fossem tomadas. O diálogo entre pais e filhos são levados em consideração para que o relacionamento entre eles seja fortalecido.

Meine *et al.* (2019) afirmam que a relação boa do adolescente com a família contribui para que os pais sejam procurados para oferecerem auxílios quando houver problemas. No entanto, Berger (2017) afirma que apesar de ser importante a relação entre pais e filhos, isso não quer dizer que ocorra sempre de forma pacífica, pois o adolescente deseja independência, podendo contribuir para os conflitos familiares. O texto 03 também afirma a importância da família como fator de proteção, pois contribui para a saúde física e mental do adolescente, prevenindo a sintomatologia depressiva. Por meio do carinho, afeto, atenção dados pela família tornam fatos importantes para a vida do adolescente.

A amizade refere-se a uma relação entre pessoas que compartilham seus sentimentos e há companheirismo, empatia, apoio mútuo. De acordo com Berger (2017) esse

relacionamento é fundamental em todas as fases da vida, porém na adolescência destaca-se o desejo de popularidade entre os amigos e ainda ter com quem contar. Trata-se de um fator de proteção para o adolescente e foi citado por três artigos, sendo os textos 02, 04 e 05. No texto 02 os autores afirmam que esse fator de proteção deve ser considerado pelos profissionais de saúde por poder auxiliar no bem estar do adolescente quando ele tem boas relações com amigos, ou seja, trata-se de possibilidade para o acesso às intervenções necessárias.

No texto 04 ressalta que a amizade entre adolescentes dura por muito tempo e é uma relação próxima resultante de muitas interconexões. A amizade entre adolescentes aparece mais afeto positivo, intimidade e cumplicidade mais do que podem ter com pessoas adultas. Dessa forma, fica claro que a amizade é importante para o bem-estar do adolescente, onde ele pode se abrir e expressar sentimentos que talvez não conseguiriam externalizar para outras pessoas, contribui também para a autoestima, diversão, segurança emocional. Porém, Berger (2017) afirma que quando os pais e os adolescentes têm uma relação de comunicação positiva e democrática, isso reflete na amizade do filho com seu colega, ou seja, alcança uma relação construtiva entre eles.

Quanto ao texto 05 revela que o adolescente pode encontrar nos amigos um espaço intermediário entre a família e a sociedade, nesse lugar encontra forte intimidade, apoio, onde podem trocar experiências e há segurança. Por estarem enfrentando as mesmas mudanças, ficam mais à vontade em demonstrar suas fraquezas, incertezas. Dessa forma, confiam que serão mais compreendidos entre eles, além de serem aceitos.

Outros fatores de proteção foram citados por um único texto, sendo o 02, foram: tradições culturais; adquirir valores; praticar esportes; atividade física; momentos de lazer; dieta saudável; qualidade do sono; fazer parte de uma religião. Esses fatores também contribuem para a vida do adolescente, possibilita o melhor convívio com outras pessoas, proporcionando saúde física e mental, torna o adolescente mais ativo na sociedade.

Papalia e Feldman (2013) afirmam que a atividade física contribui para a saúde física

e mental, auxilia na diminuição do estresse e ansiedade, além de ajudar na autoestima, notas escolares e no bem-estar de forma geral. A boa alimentação ajuda para hábitos saudáveis e irão continuar na vida adulta, quanto a qualidade do sono também reflete no bem estar, pois se houver privação do sono, isso resultara na irritabilidade do adolescente, diminuindo a motivação, e tudo isso reflete no desempenho escolar, as notas das atividades passam a ser prejudicadas. No que refere a religião, Berger (2017) afirma que geralmente os adolescentes seguem a mesma de seus pais e comunidade, isso faz com que poucos rejeitem esse fator quando se tem um bom relacionamento familiar.

**TABELA 2 – FATORES DE RISCO**

<b>Fatores de Risco</b>	<b>Autor</b>	<b>Texto</b>
Não estar inserido em uma turma	Oliveira (2015)	05
Exigência de formação profissional	Almeida (2015)	06
Escola	Silva e Siqueira (2017)	07

**Fonte:** Produzida pelas autoras

Apesar de haver muitos fatores de proteção, também existem os fatores de risco que contribuem para o CAL, esses são mencionados pelos textos 05, 06, 07. Um dos fatores de risco de acordo com o texto 05 é o adolescente não estar inserido em uma turma, isso contribui para a dificuldade de encarar as crises comuns nessa fase da vida, dessa forma, surge o sofrimento de se sentir sozinho sem poder compartilhar com alguém suas dores. O texto alerta ainda a respeito da contribuição de pertencer a um grupo, as gírias, vestimentas são fatos que ajuda como defesa contra a angústia. Portanto, percebe-se que estar inserido a um grupo, ajuda o adolescente encontrar uma identidade. Quando Erikson (1976) contribui sobre individuação e identidade ele refere-se ao adolescente que busca suas características definidas e ajustadas, e é nesse período que surge os conflitos familiares.

Adolescência tem durado por mais tempo nas sociedades ocidentais, isso devido as melhores condições nutricionais e outros fatores, assim a puberdade tem iniciado mais cedo estendendo assim a fase da adolescência. Nesse contexto, de acordo com o

texto 06 há um fator de risco que refere às exigências de formação profissional devido à complexidade da vida moderna, a dependência dos pais aumenta, contribuindo nos conflitos familiares. Com isso Berger (2017) argumenta que quando o adolescente passa a distinguir entre o real e o possível, significa que entrou no nível mais alto do desenvolvimento cognitivo, assim surgem as implicações emocionais, portanto, contribuindo para tais conflitos.

Já no texto 07 aborda outro fator de risco, o ambiente escolar, pois nesse local o adolescente passa uma parte considerável de seu tempo. Na escola vários acontecimentos surgem que podem contribuir para o CAL, como exemplo: rejeição de um grupo de colegas, notas baixas, não conseguir participar de um grupo devido a timidez, dentre outros fatos. Assim, importante que os profissionais fiquem atentos aos sinais desses adolescentes no ambiente escolar, pois esse local se torna aliado para diagnosticar o CAL. Papalia e Ferldman (2013) ao mencionar a escola, afirma que quando o adolescente tem o apoio de professores e de outros estudantes, além de haver um currículo escolar ajustado na medida certa ao seu interesse, tudo isso contribui para alcançar a satisfação com a escola, caso isso não ocorra, esse ambiente passa ser um fator de risco.

**TABELA 3 – ARQUÉTIPOS**

<b>Arquétipos</b>	<b>Autor</b>	<b>Texto</b>
Arquétipo	Bonfatti et al. (2018).	08
Anima e Animus	Freitas; Scarabel; Duque (2013)	09
Grande Mãe	Cruz (2013)	10
Self	Freitas; Scarabel; Duque (2013)	09
Persona	Duarte (2018)	11
Sombra	Duarte (2018)	11
	Silva (2019)	12

**Fonte:** Produzida pelas autoras

Depois de ter sido abordado os fatores de proteção e os de risco, importante discutir

a respeito dos arquétipos da teoria Junguiana. De acordo com o texto 08, arquétipo é entendido como uma probabilidade psíquica, uma aptidão inata para gerar fantasias paralelas de estruturas idênticas, universais da psique. São manifestações individuais, demonstradas por cada pessoa desde seu nascimento. O texto 09 reafirma que o arquétipo é uma estrutura da psique comum a todos, aparecendo espontaneamente em qualquer lugar e momento agindo no modo de pensar e agir da pessoa. Feist *et al.* (2015) ao abordarem sobre arquétipos argumentam que são imagens antigas vindas do inconsciente coletivo, e contém muitas emoções.

Alguns arquétipos foram mencionados na pesquisa para melhor entendimento desses fatores, o texto 10 abordou sobre o Anima e Animus. Esse refere-se respectivamente o lado feminino da psique masculina e lado masculino da psique feminina. Portanto, o texto afirma que existe lado feminino e masculino em todas as pessoas. Hall *et al.* (2000) explicam que as características do sexo oposto aparecem em cada sexo, ou seja, por meio da anima o homem entende a natureza feminina, e a mulher entende a masculina pelo animus.

O arquétipo da Grande Mãe foi mencionado pelo texto 09, explica que existem dois lados: o positivo e o negativo. O lado positivo é o bom, porém o negativo ressalta a negligência, abandono e proteção em exagero que afeta a individualidade do outro. Quando um adolescente encara situações como essas do lado negativo, ele passa a estar no risco de ter o CAL, pois são situações que afetam o psicológico de forma significativa. Assim, como explica Bertucci (1998) o lado negativo desse arquétipo contribui para o impedimento do crescimento e evolução do adolescente.

Já o texto 11 aborda sobre o arquétipo Self, esse é a soma de todos os arquétipos, ele é o organizador do aparelho psíquico, tem como função abranger o inconsciente coletivo. De acordo com Fadiman e Frager (2008) esse arquétipo é encarado como o mais importante e difícil de compreender, além de unir o consciente e o inconsciente, dessa forma dando a harmonia e equilíbrio de muitos elementos diferentes da psique. Ainda no texto 11 discute a Persona, esse arquétipo trata-se da adaptação, a pessoa tem a personalidade modificada de várias maneiras, contribuindo para o convívio social, dessa forma o indivíduo projeta o papel que a sociedade dita como a postura mais adequada para determinados contextos sociais. Feist *et al.* (2015) explicam



exatamente isso, conforme a teoria Junguiana o indivíduo se apresenta de acordo com o que é ditado pela sociedade como situações corretas.

Por fim, o texto 12 explica sobre o arquétipo Sombra, esse demonstra intensamente o afeto, conteúdos obsessivos, possessividade. Aquilo que é inaceitável na personalidade, as emoções difíceis acabam sendo personificadas em uma pessoa ou objeto externo do sujeito por meio do mecanismo de projeção. Assim, explica-se que a sombra é aquela que armazena o inaceitável para a consciência.

Hall *et al.* (2000) ao mencionarem o arquétipo Sombra afirmam que representa o lado animal da natureza humana, além de ser o responsável pelo entendimento do pecado original, quando ele aparece externamente passa ser um inimigo. Ressalta ainda que há contribuição para pensamentos ruins, sentimentos e ações desagradáveis não tolerados pela sociedade. Portanto, de acordo com a pesquisa pode-se considerar que esse arquétipo pode ser associado ao comportamento do adolescente. De acordo com a pesquisa ao tratar do adolescente ficou claro que essa fase da vida do indivíduo é o momento em que se busca uma identidade pessoal, porém ocorre o período de maiores dificuldades, significa que tenta o equilíbrio no modo de viver entre a infância e a vida adulta (ERIKSON, 1976).

Observou-se que a família é um fator de proteção para o adolescente, pois é por meio dela que se consegue resultados positivos, dos quais contribuem no combate do CAL. A família que é presente, demonstra afeto, carinho e dedicação, além de dá ouvidos ao adolescente, faz alcançar resultados importantes na vida desse indivíduo que pode estar sofrendo com algum problema psíquico. Há outros fatores de proteção que devem ser levados em consideração, como a amizade, atividade física, fazer parte de uma religião, dentre outros (BARRETO; RABELO, 2015; OLIVEIRA, 2015; FREITAS; SANTOS; RIBEIRO, 2018; MEINE *et al.*, 2019).

A amizade destaca como relacionamento entre os adolescentes, o estudo demonstrou o quanto é importante para eles, pois é no meio dos amigos que um adolescente consegue se expressar melhor, compartilhar seus desejos, frustrações, medos, além de haver uma cumplicidade porque estão passando pela mesma fase da vida (BARRETO; RABELO, 2015; OLIVEIRA, 2015; FREITAS; SANTOS; RIBEIRO, 2018;

MEINE *et al.*, 2019).

Assim como foi discutido sobre os fatores de proteção, discutiu-se também sobre os fatores de risco, onde foi abordado como esses influenciam no comportamento auto lesivo. Um dos destaques desse fator foi o ambiente escolar, onde o adolescente passa boa parte do seu tempo. Nesse local pode ocorrer situações que afetam de forma significativa a vida do adolescente, dessa forma é importante que os profissionais da área de saúde fiquem atentos para utilizar esse local como aliado no combate ao CAL. Outro fator de risco refere-se ao adolescente não estar inserido a um grupo, isso afeta a vida desse indivíduo, pois pode haver a solidão de não compartilhar suas angústias, medos, incertezas, com pessoas da mesma idade, onde consegue ficar mais à vontade por estarem vivenciando situações parecidas nesta fase da vida (OLIVEIRA, 2015; ERIKSON, 1976).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa proporcionou o entendimento a respeito do adolescente que tem comportamento autolesivo, e ainda a importância em entender quais são os principais fatores de proteção que podem auxiliar para combater o CAL. Ficou claro também que os fatores de risco devem ter atenção pelos profissionais da saúde e também pela família.

Foi importante a discussão sobre os arquétipos de acordo com a teoria junguiana, ao levantar alguns deles, houve a possibilidade de ligar um ao adolescente. Assim, entendeu-se como o arquétipo Sombra a ser ligado, pois demonstra intensamente o afeto, conteúdos obsessivos, possessividade.

O resultado da pesquisa foi satisfatório, pois esclareceu a respeito do CAL, fatores de proteção e de risco, além de explicar o que são arquétipos. Foi possível entender que o CAL ainda precisa ser mais estudado no Brasil, portanto, é preciso mais pesquisas como essas que possam contribuir no conhecimento desse assunto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. S. Adolescência e Contemporaneidade: Aspectos Biopsicossociais. **Revista Pediátrica**, v. 5, n. 3, 2015.
- AMARAL, C. et al. Depressão na adolescência com ideação suicida: um estudo de caso. **Anais da XI Mostra Científica do Cesuca**. Cachoerinha, RS, nov. 2017.
- BARRETO, M. J. RABELO, A. A. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando Família**, v. 19, n. 2, Porto Alegre, dez, 2015.
- BARTUCCI, G. A doença da morte: um direito de asilo. **Google Livros**, São Paulo: Annablume, 1998. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=r9m2nDLahwMC&pg=PA31&dq=arquetipo+grande+m%C3%A3e&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjY0drvhofqAhW1HrkGHeWRAIoQ6AEIMDAB#v=onepage&q=arquetipo%20grande%20m%C3%A3e&f=false>. Acesso em: 15. Maio. 2020.
- BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa do nascimento à terceira idade**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- BONFATTI, P. et al. Acerca do conceito de arquétipo na psicologia analítica: breves considerações. **Analecta**, Juiz de Fora, v. 4, n. 4, nov, 2018.
- BOTEGA, N. J. Crise suicida: Avaliação e Manejo. **Google Livros**, Porto Alegre: Artmed, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WoqICgAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Crise+suicida:+Avalia%C3%A7%C3%A3o+e+Manejo.&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjD7O7uzonqAhXNGbkGHQQmCjsQ6AEIKDAA#v=onepage&q=Crise%20suicida%3A%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20e%20Manejo.&f=false>. Acesso em: 15. Maio. 2020.
- CRUZ, C. H. S. Os Arquétipos Junguianos Anima e Animus e seu balanceamento através da Arte. **Revista de Arteterapia**, São Paulo, v.4, n.2, 2013.
- DUARTE, J. C. L. Jung e a Psicologia Analítica: um recorte histórico e teórico. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1233.pdf>>. Acesso em: 15. Maio. 2020.
- DSM-5. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ERIKSON, E. **Identidade: Juventude e crise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FADIMAN, J. FRAGER, R. Personalidade e crescimento pessoal. **Google Livros**, São Paulo: Artmed, 2008. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=UL7koDFT198C&pg=PA103&dq=arquetipo+self&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiHxd\\_B8obqAhWfKLkGHsk0Ce0Q6AEIOTAC#v=onepage&q=arquetipo%20self&f=false](https://books.google.com.br/books?id=UL7koDFT198C&pg=PA103&dq=arquetipo+self&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiHxd_B8obqAhWfKLkGHsk0Ce0Q6AEIOTAC#v=onepage&q=arquetipo%20self&f=false). Acesso em: 15. Maio. 2020.
- FEIST, J. FEIST, G. J. ROBERTS, T. **Teorias da Personalidade**. 8. ed. São Paulo: AMGH, 2015.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005.
- FREITAS, L. V. de. SCARABEL, C. A., DUQUE, B. H.T. As implicações da depressão pós-parto na psique do bebê: Considerações da Psicologia Analítica. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 253-263, abr./jun. 2012.
- FREITAS, M. SANTOS, A. J. RIBEIRO, O. Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares. **Análise Psicológica**, v.36, n.2 Lisboa, jun. 2018.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2010.
- HALL, C. S. et al. Teorias da Personalidade. Google Livros Porto Alegre: Artmed, 2000. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=iHYYyG0-a8lC&pg=PA91&dq=arquetipo+persona&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjHkOuZ9YbqAhUVCrkGHSLPDj4Q6AEIKDAA#v=onepage&q=arquetipo%20persona&f=false>>. Acesso em: 25. Maio. 2020.
- MACÊDO, S. Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: Reflexões e intervenções fenomenológicas. **Ecos**, Vale do São Francisco, v. 2, p. 266 - 277, 2018.
- MEINE, I. R. et al. Depressão e suicídio: o adolescente frente a fatores de risco socioculturais. **Research, Society And Development**, Santa Maria, v.8, n. 12. nov. 2019.
- PAPALIA, D. E. FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- ROSSI, L. M. et al. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cadernos de Saúde Pública**, v.35, n.3, Rio de Janeiro, mar.2019.
- SILVA, A. C. BOTTI, N. C. L. Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: Revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n.18 Porto dez. 2017.
- SILVA, M. F. de A. SIQUEIRA, A. C. O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura – RO. **Revista Farol**, Rolim de Moura – RO, v. 3, n. 3, p. 5-20, mar. 2017.
- SILVA, K. Paula. SOUZA, M. R. J. FARIA, M. R. G. V. O “Sentir na Pele”: Uma Análise do Comportamento Autolesivo em Adolescentes. Anápolis, 2019. Disponível em:  
<<http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/8137/1/O%20%E2%80%9CSentir%20na%20Pele%E2%80%9D%20Uma%20An%C3%A1lise%20do%20Comportam.pdf>>.  
Acesso em: 15.maio, 2020.
- SILVA, S. L. O Arquétipo da Sombra. **Revista Extensão**, v. 3, n.1, p. 20-28, 2019.
- SOUZA, S. C. de. A noção de totalidade Junguiana: Breves considerações. **Revista Pandora Brasil**, n.50, p. 1-7, jan, 2013.
- OLIVEIRA, Alexandra. Conflitos familiares e amigos e a influência na construção da identidade do adolescente. Disponível em:  
<<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0933.pdf>>. Acesso em: 20. Maio. 2020.